

# Juntando os fios das coleções Katxuyana<sup>1</sup> Gathering the threads of the Katxuyana collections

Astrid Kieffer-Døssing

Doutoranda em Antropologia, Aarhus University, Dinamarca

astridkieffer@gmail.com

## Resumo

Este artigo investiga coleções museológicas oriundas dos Katxuyana – povo indígena que habita o norte do estado do Pará, no Brasil – e abrigadas em museus na Dinamarca, na Noruega e na Grã-Bretanha. Os objetos que compõem as coleções aqui abordadas foram coletados por duas expedições dinamarquesas realizadas no final dos anos de 1950 que, após serem armazenadas nos museus, acabaram esquecidas tanto por seus curadores como pelos próprios Katxuyana até o ano de 2012, quando foram redescobertas. Este texto baseia-se em meu trabalho com esses objetos, além de materiais de arquivo, fotografias e entrevistas com os Katxuyana e com curadores dos museus. Do ponto de vista teórico, o texto trata coleções como montagens (*assemblages*). Nesta perspectiva, coleções são entendidas como entidades dinâmicas constituídas por componentes humanos e materiais cujas relações estão em constante transformação. Tal aspecto processual é também relevante para compreendermos como os valores das coleções museológicas se alteram com o tempo: a relação entre humanos e objetos nessas montagens influencia o que se julga ter valor. Deste modo, o valor de objetos guardados em museus não é intrínseco a estes mesmos objetos, mas emerge nos momentos e contextos em que eles estabelecem relações com pessoas. Ilustro essa dinâmica com exemplos da construção das coleções Katxuyana como montagens, e de como valores foram e são construídos a partir disso no passado e no presente. Assim, este artigo espera ilustrar de que modo coleções museológicas detêm rico potencial para informar continuamente sobre passado, presente e futuro por meio de sua permanente remontagem (*re-assemblage*).

**Palavras-chave:** Patrimônio – povos indígenas – coleções museológicas – valores – montagens (*assemblages*).

---

1 Este artigo baseia-se em minha pesquisa de mestrado intitulada “Re-assembling the Katxuyana collections. An analysis of past, present and possible futures of the Katxuyana collections as assemblages”, desenvolvida no âmbito do programa de mestrado em Sustainable Heritage Management, da Aarhus University, Dinamarca. Uma versão anterior deste texto foi apresentada em um seminário sobre patrimônio brasileiro realizado na Aarhus University em 10 de fevereiro de 2017.

## Abstract

This article investigates museum collections from the indigenous Brazilian Katxuyana who lives in the northern part of Pará. The collections figured in the article are kept in museums in Denmark, Norway and Great Britain. The objects were collected during two Danish expeditions in the late 1950s. After the collections were included into museums' storages, they were forgotten by museum curators and Katxuyana alike until 2012, when they were rediscovered. The article is based on my work with the objects, archival material, photos and interviews with Katxuyana and museum curators. Theoretically the article is concerned with collections as assemblages. In this perspective, collections are understood as dynamic entities made up by human and material components whose relations change over time. This processual aspect is also relevant for the article in understanding changing values of museum collections over time. The relation between humans and objects in the assemblages influences what is deemed valuable. Value of museum objects is therefore not intrinsic in the objects, but emerges from the time and place in which they form relations to people. I will exemplify this through examples of constructions of the Katxuyana collections as assemblages and how values were and are constructed in them in the past and the present. Through these examples it is the aim of the article to illustrate how museum collections holds rich potentials to inform about past, present and future through continuous re-assemblages.

**Keywords:** Heritage – Indigenous peoples – museum collections – values – assemblages

## Introdução – montagens patrimoniais e valores cambiantes

*“A aparente singularidade dos objetos, quando depositados atrás de uma vitrine ou na reserva técnica de um museu, não nos deve confundir. Sua complexidade deriva do fato que objetos (...) estão sempre em devir (...). Um objeto é melhor entendido como indicador de um processo, mais que de relações estáticas, e este processo é contínuo tanto no museu como em qualquer outro lugar, de modo que há uma série de relações permanentes circundando o objeto e que conectam ‘campo’ e ‘museu’.” (Gosden & Knowles 2001: 4-5)*

A citação acima ilustra a abordagem para a pesquisa de coleções que adotei quando, durante um período de estágio no outono de 2015, e escrevendo minha dissertação de mestrado ao longo da primavera de 2016, estudei as coleções oriundas dos índios Katxuyana no Nationalmuseet (Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague), no Moesgård Museum (em Aarhus, também na Dinamarca), no Kulturhistorisk Museum (Museu de História Cultural, em Oslo, Noruega) e no British Museum (Museu Britânico, em Londres). Meu objetivo era investigar essas coleções no passado e no presente, além de compreender como elas são constituídas por relações dentro e fora dos museus, a fim de elucidar como essas diferentes relações e valores afetam as coleções como montagens (*assemblages*). Assumindo esta abordagem, busquei considerar as coleções como espaços

onde distintas temporalidades, localidades, valores, objetos e pessoas são reunidos e, no transcorrer do tempo, entabulam diferentes relações.

Esta perspectiva entende as coleções como entidades dinâmicas que estão, como a citação inicial deste artigo sugere, sempre em devir, mais do que sendo algo fixo. As principais teorias empregadas aqui para investigar este caráter flexível das coleções giram em torno de pensar as coleções como montagens e de refletir sobre a relação entre valores e o patrimônio (*heritage*), aqui exemplificado pelas coleções museológicas.

Olhar para coleções como montagens implica em entendê-las como constituídas não apenas por objetos materiais, mas igualmente por componentes humanos (Macdonald 2009: 118); a montagem, no caso das coleções, será, sempre, construída pelas relações entre esses diferentes componentes. Coleções jamais estão, deste modo, confinadas aos perímetros físicos dos museus; por meio das relações que elas estabelecem com componentes situados em outros espaços, e estendem para além das paredes das instituições museológicas. Uma vez que as relações e os diferentes atores nas montagens mudam no decorrer do tempo, coleções não são entendidas como produtos, mas como processos (Byrne et al 2011: 5; Wingfield 2013: 81). Esses processos perpetuam-se pelo tempo e levam a transformações graduais nas coleções. Trabalhar com coleções, assim, é estar sempre diante de seu constante arranjo e rearranjo (Harrison 2013: 21), tal como será ilustrado, a seguir, por meu trabalho com as coleções Katxuyana do passado e do presente.

Neste texto, utilizo uma definição de patrimônio que não privilegia seus aspectos materiais, tampouco os imateriais. Ao contrário, falar em patrimônio faz referência à mediação de relações entre passado, presente e futuro por meio da cultura material e de performances (Fairclough 2008: 304; Smith 2006: 44). Dito de outra forma, “...o patrimônio não se refere mais ao passado, mas aproveita o poder do passado para produzir o presente e conformar o futuro” (Harrison et al 2008: 1). Isso implica que o patrimônio é algo do passado que permanece significativo no presente em que é exibido<sup>2</sup>. Ainda que funcionários de museus certamente tenham entendimentos variados acerca do que constitui patrimônio cultural, muito do que fazem tais instituições está centrado nos objetos, ou seja, nos aspectos materiais deste mesmo patrimônio cultural. Em certos casos, o entendimento do patrimônio cultural pode divergir substancialmente entre museus e povos indígenas, o que permite a emergência tanto de novas descobertas e discussões, quanto de potenciais conflitos (see Gabriel 2015; Silva & Gordon 2013). No caso das coleções Katxuyana, os quatro museus em que desenvolvi minha pesquisa e esta população indígena ainda estão em processo de mútua aproximação, fazendo com que as divergências e similaridades entre conceitos de patrimônio cultural ainda não tenham sido abertamente enfrentadas.

No cerne do que é o patrimônio encontra-se o conceito de valor. Coisas, lugares e tradições não existem apenas como patrimônio, mas são assim promovidos com base em certa valoração (Petúrsdóttir 2013: 37). Coisas se movem de um domínio de valor (*value-realm*) para outro de modo a ascender ao estatuto de patrimônio (Carman 2010: 82). Com res-

2 Devemos estar atentos a conceitualizações ligeiramente distintas do patrimônio no interior da estrutura de um museu, uma vez que museus são instituições que administram o patrimônio cultural na forma de objetos e estão sujeitos às leis do país em que funcionam. Na Dinamarca, os museus respondem ao Danish Act on Museums no que concerne às suas obrigações quanto às ações de coleta, registro, preservação, disseminação e pesquisa (ver <http://english.slks.dk/english/museum/tasks-of-the-museums/>, acessado em 10 de junho de 2017).

peito à formação de coleções, tais mudanças nos valores podem ser detectadas no campo, durante a aquisição de objetos, assim como no momento em que objetos são oficialmente agregados a uma coleção já no interior dos museus, como será visto adiante. Tais valores não são intrínsecos aos objetos, mas construídos através das relações entre os componentes nas montagens (Satterthwait 2008: 29).

O conceito de valor está intimamente vinculado à ideia das montagens e ao aspecto processual das coleções. O patrimônio não existe, simplesmente; ele é ativamente produzido através de montagens específicas, tal como ocorre com as coleções Katxuyana aqui analisadas. Todavia, da mesma forma que a estrutura das montagens muda, mudam as relações entre seus componentes e, com elas, os valores de uma coleção (Foster 2012: 152).

Em suma, isso significa que uma mesma coleção pode reaparecer em novas montagens em momentos diferentes, com distintas relações entre seus componentes e, assim, com valores diferentes. Esta abordagem acentua o caráter polivalente do patrimônio (Mason 2008: 100) e, ao invés da busca por fixar o sentido dos artefatos, faz emergir seus valores e significados na variedade de distintas remontagens. Espero ilustrar esta dinâmica com minha investigação do processo de formação das coleções Katxuyana em tempos passados, e com sua presente redescoberta e remontagem.

## O campo

### *Os Katxuyana*

Os Katxuyana são um grupo indígena de língua Karib, originalmente habitante das margens do Rio Cachorro, município de Oriximiná, Pará, de onde deriva seu etnônimo, composto pela combinação de *Kaxuru* (uma das grafias do termo “Cachorro”) e do sufixo *-yana*, que significa “povo”; desta forma, sua denominação pode ser traduzida como “os habitantes do Rio Cachorro” (Russi 2014: 52). Esta não é, contudo, sua autodesignação, e em estudos mais recentes a comunidade refere-se a si mesma como *Purehno* (Girardi 2011: 90; Grupioni 2009: 14).

Os Katxuyana viviam em relativo isolamento até o começo do século XX, quando iniciaram intercâmbios com outros grupos na região. Este contato expôs os Katxuyana a uma série de doenças contra as quais eles tinham pouca resistência. Nos anos de 1920, uma epidemia de sarampo reduziu drasticamente a comunidade (Russi 2014: 24) e, como resultado desse e de outros fatores, os remanescentes decidiram realocar-se, em 1968, a fim de evitar sua extinção. Um grupo menor moveu-se na direção oeste e vive com os Hixkaryana no Rio Nhamundá, ao passo que a maioria restante rumou para o nordeste, indo viver com os Tiriyo no Rio Paru de Oeste. Estudos antropológicos realizados após esta realocação previram o desaparecimento dos Katxuyana por sua assimilação aos Hixkaryana e Tiriyo. Entretanto, mesmo decorridos anos da mudança, os Katxuyana conservavam o desejo de retornar ao Rio Cachorro. Sua mitologia contém narrativas que fazem referência a sítios específicos localizados nos arredores da bacia do Rio Cachorro (Grupioni 2010), mas o impacto que esses mitos podem ter na formulação do desejo de retornar ao local de origem ainda não foi estudado.

Com efeito, os primeiros Katxuyana voltaram ao Rio Cachorro em fins da década de 1990; outros os seguiram, fundando ali, em 2002 e 2008, respectivamente, as aldeias Santidade e Chapéu. Atualmente, cerca de 400 Katxuyana vivem às margens dos rios Cachorro, Nhamundá e Paru de Oeste (Russi 2014: 23).

Depois de seu retorno, os Katxuyana deram início a um processo de reconstrução de sua identidade cultural, que teve como pontapé inicial o projeto de construção de um *tamiriki*, uma casa comunal redonda, que não era erguida desde a realocação. Os Katxuyana também se envolveram em um projeto chamado “Educação Patrimonial em Oriximiná”, que é conduzido em colaboração com a Universidade Federal Fluminense (UFF) no Rio de Janeiro (Rocha et al 2013). No projeto de educação patrimonial, alunos e professores investigam o patrimônio de suas comunidades por meio de pesquisas, entrevistas e participação na confecção de objetos com os novos conhecimentos adquiridos. O patrimônio, então, se converte em veículo para a memória coletiva, bem como para transmissão de conhecimento e de técnicas.

#### *Redescobrimo as coleções*

Durante o processo de reconstrução da *tamiriki*, os Katxuyana fizeram contato com Adriana Russi, antropóloga da UFF e uma das coordenadoras do projeto de educação patrimonial. Estudando o processo de construção da *tamiriki*, Russi inteirou-se da história dos Katxuyana, incluindo as coleções museológicas oriundas deste povo. Ela encontrou referências às coleções Katxuyana que não eram conhecidas ou recordadas nem pelos Katxuyana, e nem pelos pesquisadores e pelos próprios museus europeus. Para os Katxuyana, pesquisadores e museus, o enorme potencial em termos de revitalização cultural, atividades colaborativas e estudos de patrimônio cultural dessas coleções descobertas em 2012 era evidente.

As coleções redescobertas originaram-se de duas expedições dinamarquesas realizadas em meados do século XX. A primeira delas, ocorrida em 1957, foi conduzida por dois etnógrafos amadores, Christen Søderberg and Gottfried Polykrates; a segunda expedição, em 1958-59, juntou o mesmo Polykrates com o então curador do National Museum of Denmark, Jens Yde. Assim sendo, as coleções foram formadas cerca de dez anos antes da migração Katxuyana ocorrida em 1968.

As coleções no Museu Britânico (Reino Unido), no Museu de História Cultural em Oslo (Noruega), no Museu Nacional em Copenhague, e no Moesgård Museum em Aarhus (estes dois últimos na Dinamarca) compreendem aproximadamente 425 objetos numerados, conforme a tabela abaixo<sup>3</sup>:

| Museu Nacional<br>Museum (Copenhague) | Moesgård Museum<br>(Aarhus) | Museu Britânico<br>(Londres) | Museu de História<br>Cultural (Oslo) |
|---------------------------------------|-----------------------------|------------------------------|--------------------------------------|
| 215                                   | 22                          | 96                           | 92                                   |

3 Note que a enumeração dos objetos e a quantidade efetiva de objetos nem sempre coincidem.

As quatro coleções contêm, em geral, o mesmo tipo de objetos, tais como ornamentos corporais, peneiras, potes de cerâmica, cestas de vários tamanhos, arcos, flechas e colares de contas de vidro. As quatro instituições arquivam registros relacionados às coleções, que incluem descrições dos objetos, cartas e informações adicionais como os custos do transporte e da compra de suprimentos, entre outras. Nenhum dos arquivos, contudo, conserva informações detalhadas sobre os contextos de coleta durante as duas expedições.

O Museum of Cultural History disponibiliza fotos e descrições de objetos de suas coleções online. Já o British Museum disponibiliza apenas descrições de objetos, ao passo que os dois museus dinamarqueses não oferecem ao público acesso online às suas respectivas coleções<sup>4</sup>. Entretanto, toda a informação escrita acessível na internet está em inglês (e norueguês) e é, assim, inacessível aos Katxuyana, que não têm o inglês entre as muitas línguas que dominam. Isso significa que as coleções não são facilmente acessíveis nem aos Katxuyana e nem a muitos pesquisadores, uma vez que a proximidade física e/ou o conhecimento das línguas inglesa, dinamarquesa e norueguesa são, até o momento, pré-requisitos para algum contato com elas.

Minha dissertação de mestrado propôs uma combinação de pesquisa (nas coleções e nos arquivos) e entrevistas nos quatro museus mencionados, assim como o exame de um grande número de objetos Katxuyanas abrigados por estas instituições. Também realizei uma viagem de campo à aldeia Katxuyana do Chapéu, levando comigo um livreto contendo fotografias de um número selecionado dos objetos dos museus com o intuito de investigar os potenciais valores e os usos das coleções para os Katxuyana hoje. O livreto mostrava os 22 objetos da coleção do Moesgård Museum, que eu pude manusear pessoalmente e tive tempo para examinar em detalhe. O livreto continha fotografias de cada peça, incluindo detalhes da confecção dos objetos, além da tradução de toda a informação acerca dos artefatos encontrada nos arquivos do museu. Levei, ainda, outro livreto com algumas fotografias de Cristen Sørderberg (ver abaixo): imagens que eu havia previamente selecionado e que mostravam a vida cotidiana em 1957, além de uma festa e vários indivíduos que, eu esperava, poderiam ser reconhecidas pelos atuais Katxuyana como seus parentes. Os livretos foram entregues aos caciques das aldeias Chapéu e Santidade, e cópias físicas e digitais foram também deixadas com o líder da AIKATUK (Associação Indígena Katxuyana, Tunayana e Kahyana).

Por fim, através do contato com familiares de Christen Sørderberg, descobri seu diário e cerca de 200 fotografias da expedição, material até então desconhecido, e que trouxeram imagens que se tornaram fontes preciosíssimas na investigação do curso da primeira expedição dinamarquesa, suas práticas de coleta e seus contatos com os indígenas.

---

4 Deve-se notar que o Moesgård Museum possui fotografias dos objetos Katxuyana que abriga, acompanhadas de suas medidas e outras observações, material que eles pretendem tornar acessível online. O Museu Nacional (Copenhague) encontra-se empenhado em um vultoso projeto de digitalização de suas coleções, que estarão, no futuro, disponíveis via seu banco de dados virtual.

## Passado – de objetos no campo às coleções museológicas Katxuyana

Para entendermos como as coleções Katxuyana se formaram e quais valores tiveram impacto nesta formação, investiguei o processo de coleta em campo, bem como de que maneira os objetos foram convertidos em coleções museológicas. Baseando-me nas coleções, nos arquivos dos museus e no diário de Christen Søderberg, pesquisei fundamentalmente como agências distintas, até então desconhecidas, afetaram a aquisição dos objetos no campo e como os objetos foram transformados para se adequar aos valores estabelecidos pelos museus em meados do século XX.

### *O impacto das agências*

Nos registros que museus produzem sobre suas coleções, os processos de aquisição – e, deste modo, as agências indígenas envolvidas – são com frequência ocultados. Muitos registros não oferecem impressões das negociações de valores, das seleções deliberadas e das limitações quanto ao tipo de objeto coletado em campo, embora tudo isso também afete a maneira como uma coleção é construída. Ademais, sem este material, resta impossível investigar a transformação dos objetos coletados em coleções museológicas. Este era o caso das coleções Katxuyana, até a descoberta do diário de Christen Søderberg. Durante a expedição, diariamente, Søderberg tomava notas em seu caderno, descrevendo os momentos e processos de aquisição, frequentemente com detalhes sobre os materiais e nomes de objetos, às vezes anotando mesmo o nome do parceiro de troca e o que este receberia pelo objeto que cedeu. Este material oferece uma oportunidade única para compreendermos como a coleção se formou em um processo dinâmico de agências ativas e negociações de valor. Da leitura do diário, fica claro que alguns Katxuyana foram bastante ativos no processo de constituição da coleção, já que a avaliação dos objetos não ficou apenas a cargo dos coletores. Dois exemplos demonstram este ponto.

Primeiro, os Katxuyana que participaram do processo de aquisição não aceitavam quaisquer objetos em troca do que cediam (figura 1). Em um caso, Søderberg descreve como ele e Polykrates haviam trazido facões feitos de aço brasileiro; entretanto, tais facões não interessavam aos Katxuyana, que os julgavam sem valor e inaceitáveis nas transações, ao contrário de facões feitos de aço europeu. Os Katxuyana, assim, requisitavam itens específicos para trocar por seus objetos, tais como espelhos, martelos, serras, miçangas e mesmo lanternas à pilha. Se os coletores tinham interesse particular por certos objetos, o mesmo se passava com os Katxuyana.



**Figura 1** Agencies of the collecting process.

Segundo, em que pese o fato de as coleções Katxuyana conterem uma grande variedade de objetos, alguns destes artefatos foram intercambiados com certa relutância, como aconteceu com algumas tangas (*aprons*) confeccionadas com miçangas (figura 2). As coleções possuem muito poucos exemplares da vestimenta cotidiana dos homens: braçadeiras e perneiras de folhas. Esses objetos deterioravam-se muito rapidamente e eram, por isso, fabricados quase que diariamente a partir de matérias-primas coletadas na floresta. Por outro lado, a vestimenta feminina, a tanga de miçangas, era diferente, e parece ter sido mais valorizada nas situações de intercâmbio. Em primeiro lugar, as tangas eram feitas de miçangas de vidro que os Katxuyana só podiam obter por meio de trocas; ademais, Søderberg dava, em troca de uma tanga, 12 colheres de miçangas, ao passo que, para a maioria dos outros objetos, apenas  $\frac{1}{2}$  ou  $1\frac{1}{2}$  colher era oferecida, indicando que as tangas eram valorizadas e só relutantemente intercambiadas; por fim, o processo de confecção destas peças de vestuário femininas demandava bastante tempo em comparação com as vestimentas masculinas. Desta forma, as tangas parecem ter sido mais valorizadas tanto em termos dos materiais utilizados quanto do trabalho investido em sua fabricação, e isso se reflete nas coleções: elas contêm apenas três tangas prontas para o uso (uma de uso adulto e duas para crianças), e uma peça inacabada, ainda no tear.



**Figura 2** Apron (Museum of Cultural History).

Esses dois breves exemplos ilustram como a agência de alguns Katxuyaba afetou não apenas o preço de certos objetos, mas também a seleção dos artefatos que hoje compõem as coleções. Apesar de omitidas dos registros oficiais, ações e valores emergem no momento em que os objetos e os registros escritos são analisados paralela e detalhadamente.

#### *Transformação em objetos museológicos*

Como mencionado acima, as coisas não existem como patrimônio, mas são antes convertidas em patrimônio em processos ativos de criação e definição, que também transformam os valores dos objetos (Carman 2010: 84). A ação de construir coleções e o modo como são constituídas em novas montagens são, assim, transformação de valores em algo que, nos contextos museológicos, é julgado valioso. Com os objetos, arquivos, diário e fotografias, foi possível traçar alguns dos trajetos por meio dos quais os objetos coletados entre os Katxuyana foram tornados objetos valiosos de museu em meados do século XX. A construção de coleções museológicas hoje pode ser efetuada com base nesses valores (Gabriel 2015: 41-42). Tais valores são, assim, intimamente ligados a tempos e espaços específicos.

No que se segue, forneço dois exemplos de critérios de formação de coleções e transformações de valores a partir das coleções Katxuyana. O primeiro relaciona-se com a maneira como as coleções foram utilizadas para descrever a cultura Katxuyana como uma cultura ainda não afetada pela “civilização” e como, desta perspectiva, os objetos foram

apresentados como exemplos “autênticos” desta cultura. O segundo exemplo ilustra de que forma os objetos coletados foram separados dos membros individuais da comunidade Katxuyana que os produziram e intercambiaram, convertendo-se, assim, em emblemas da cultura deste povo indígena.

#### *A cultura não afetada pela “civilização”*

Em meados do século XX, as assim denominadas culturas “primitivas” eram entendidas como puras, mas, tão logo entravam em contato com a “civilização”, convertiam-se em culturas “poluídas” (Gabriel 2015: 42). Antropólogos em museus estavam preocupados com um tipo de “antropologia do resgate”, que buscava documentar essas culturas antes delas desaparecerem ou tornarem-se excessivamente híbridas. Nesta perspectiva, objetos só eram percebidos como valiosos pelos museus desde que fossem “autênticos”. Contudo, quando investiguei e comparei objetos presentes nas coleções com as informações extraídas do material fotográfico e do diário de Christen Sørderberg, surge uma imagem que sugere matizar a ideia de autenticidade. Por exemplo: as coleções contêm apenas um ralador de mandioca (Figura 3), constatação algo desconcertante, uma vez que a mandioca era o principal alimento dos Katxuyana e as coleções abrangem vários outros objetos empregados no processamento desta raiz. É possível sugerir a ausência de outros raladores de mandioca esteja relacionada ao valor da autenticidade como critério para o processo de coleta, nas duas expedições. Pode-se constatar, no diário e nas fotografias de Sørderberg, que os objetos que os Katxuyana já nos fins da década de 1950 usualmente empregavam para ralar mandioca eram placas perfuradas feitas de latas, e não raladores de madeira com pedras incrustadas, como o único ralador que se encontra nas coleções. Em seu diário, Sørderberg menciona como este tipo de ralador era antigo na comunidade:



**Figura 3** Manioc grinder (the National Museum of Denmark).

era, inclusive, o único de seu tipo na aldeia em 1957. Da mesma forma, as expedições coletaram apenas bancos de madeira decorados, mas nenhum tronco ou lata, que eram, então, muito mais frequentemente utilizados para sentar, o que também fica evidente nas fotografias e no diário. Ademais, as coleções contêm brocas de fazer fogo, ainda que o diário de Søderberg deixe entrever que tais instrumentos eram confeccionados apenas para ilustrar que os Katxuyana sabiam fazer fogo sem empregar fósforos, o que eles normalmente faziam. Esses três exemplos indicam que os expedicionários deliberadamente coletavam objetos que enfatizavam ou sustentavam a imagem “pura” da cultura Katxuyana, o que museus julgavam valioso documentar.

### *Valor representacional*

Os objetos coletados no Brasil, adquiridos com certos indivíduos da comunidade Katxuyana, ganharam um novo valor representacional quando foram convertidos em uma coleção museológica. O diário de Søderberg traz, em várias passagens, os nomes das pessoas que intercambiaram certos itens. Como objetos de museu, contudo, os artefatos foram destacados dos indivíduos específicos e levados a representar a cultura Katxuyana como um todo. Apesar da existência de informações sobre os parceiros de troca, estas são omitidas dos registros oficiais dos museus, figurando apenas no diário de Søderberg. A coleção de objetos miniaturizados usados como brinquedos, por exemplo, além de uma cesta (Figura 4) e alguns outros artefatos foram trocados por Juventino, chefe da aldeia, mas esta informação nunca foi anotada nos arquivos dos museus. O que interessava e tinha valor para os museus naquele tempo eram materiais, tecnologias e a cultura de sua produção (Krpmotich & Peers 2013: 9), e não os indivíduos que confeccionavam, usavam e, por fim, trocavam os objetos. Isso é particularmente visível no caso das coleções Katxuyana ao compararmos os novos conhecimentos sobre seus processos de formação ao que foi se conhecia aas descrições oficiais dos objetos existentes nos arquivos dos museus.



**Figura 4** Basket made the chief Juventino (the National Museum of Denmark).

A inclusão dos nomes dos indivíduos Katxuyana que intercambiaram os objetos poderia lançar luz sobre o processo de coleta e sobre a interação entre os coletores e a comunidade de onde provém os objetos. Alguns homens Katxuyana aparecem com mais frequência no processo de oferecer e trocar objetos para Søderberg e Polykrates em 1957, e os mesmos homens estavam entre os que contavam aspectos da cultura e da sociedade Katxuyana e convidavam Søderberg e Polykrates para caçar, entre outras coisas. Os nomes desses indivíduos, assim, indicam relações sociais mais amplas que afetaram a montagem, e a informação acerca deles permite ver as coleções com uma luz mais matizada.

### Pontos

Investigando a formação das coleções Katxuyana no passado, fica claro de que forma diferentes valores e agências afetaram o modo como as coleções foram montadas. Mais do que espelhando a comunidade Katxuyana no final dos anos de 1950, em uma relação de um para um (Satterthwait 2008: 44), as coleções formaram outro tipo de realidade, sujeita a outros valores atribuídos por pessoas de fora da comunidade indígena. Os objetos coletados foram convertidos ao que, à época, era percebido como apropriado e valioso para os museus, tais como artefatos cujo caráter representacional apontava para uma cultura intacta e autêntica. Mas, uma análise mais detalhada desses objetos, das montagens que eles constituíram nas coleções museológicas, e do material escrito – tais como arquivos dos museus e o diário – faz emergir uma imagem muito mais complexa da situação.

Os exemplos apresentados ilustram como, primeiro, certos agentes ativos no Brasil afetaram a coleta e, subsequentemente, a forma como os objetos recolhidos foram transformados em coleções de museus, montagens, através do processo ativo de fazê-los valiosos em seus contextos específicos. Sublinha-se, assim, o fato do patrimônio ser criado por meio da movimentação de objetos de um regime de valor para outro (Carman 2010: 82). Mais que demonstrar uma realidade material diversificada no interior da comunidade Katxuyana, os objetos foram transformados em suporte de autenticidade, ou seja, de “pureza” dos Katxuyana de um modo representacional, destacado de seus produtores e trocadores individuais. Mas, conforme os exemplos ilustram, quando os materiais disponíveis – objetos, arquivos, fotografias – são examinados mais de perto, revelam que os Katxuyana na década de 1950 viviam em um mundo complexo, com uma realidade material muito mais diversa do que a que foi efetivamente coletada. As coleções, entretanto, não deixaram espaço para artefatos que poderiam ter relativizado a imagem construída da comunidade.

## **Presente – remontando as coleções históricas**

### *Reativação além do museu*

Depois do processo de formação das coleções Katxuyana, as peças permaneceram nas reservas técnicas dos museus por muitos anos sem serem exibidas ou pesquisadas. Isso não constitui situação extraordinária, posto que museus não possuem a capacidade

de ativar todas as suas coleções ao mesmo tempo. Contudo, o que torna as coleções Katxuyana singulares é a forma como elas foram reativadas ou remontadas depois de ocultas por cerca de 40 anos. Frequentemente, quando coleções museológicas são reativadas, o museu procura pela comunidade onde os objetos foram coletados. No caso Katxuyana aconteceu o oposto: foi o interesse dos Katxuyana pelas coleções que atraiu a atenção dos museus para as peças ali conservadas. Ao contrário do que se passava em meados do século XX, os museus europeus que detinham coleções Katxuyana estão, hoje em dia, interessados no valor que esses objetos têm para os Katxuyana contemporâneos. O valor que as comunidades conferem às coleções se torna o valor também para os museus. Podemos entender o que se passa da seguinte maneira: se os Katxuyana que vivem atualmente nas aldeias Chapéu e Santidade não tivessem demonstrado renovado interesse pelas coleções, os museus também não valorizariam estas mesmas coleções. Pode-se dizer que, porque as coleções Katxuyana são significativas e valiosas para alguns Katxuyana de hoje, essas mesmas coleções também se tornaram mais valiosas para seus curadores.

Isso ilustra como as coleções constituem montagens de relações entre pessoas e objetos. Relações que não deixam de existir ou se desenvolver, mesmo que as coleções tenham dado entrada nos museus há mais de cinquenta anos. Adultos e velhos Katxuyana, sobretudo, sentem-se relacionados aos objetos coletados mesmo tendo-os descoberto apenas recentemente. É certo que eles também são transformados com as novas montagens constituídas em tempos presentes. Nesse sentido, por meio de suas coleções, museus permanecem conectados não apenas ao passado, mas também ao mundo contemporâneo.

#### *Valor e uso para os Katxuyana contemporâneos*

Após a redescoberta das coleções Katxuyana, este povo emergiu como parte de uma remontagem agora no presente. Os objetos reaparecem como valiosos e importantes para os Katxuyana contemporâneos de maneiras que refletem as intenções e desejos correntes na comunidade, e, nas seções que seguem, apresento três exemplos dessas novas mudanças.

#### *Projeto de educação patrimonial*

Para os Katxuyana contemporâneos, os objetos das coleções podem ser empregados para distintos propósitos e, assim, acumular diferentes valores. Um dos contextos em que os objetos estão sendo utilizados refere-se ao projeto de educação patrimonial nas escolas das aldeias Chapéu e Santidade. Junto aos professores, os estudantes selecionam um objeto, e pesquisam sua história entrevistando adultos e idosos, assim aprendendo como confeccioná-los; ao final, os estudantes tentam eles mesmos fabricar tais objetos.

Usados neste contexto, os objetos dos museus ganham novos valores e usos distintos daqueles que tinham nas coleções museológicas. Por exemplo: uma das escolas recentemente trabalhou com a cerâmica, um tipo de objeto não mais fabricado pela comunidade, que se utiliza, hoje em dia, de recipientes de alumínio. Por esta razão, apenas alguns mais idosos ainda detêm o conhecimento de como fabricar peças de cerâmica, embora não haja artefatos cerâmicos preservados nas aldeias. Contudo, como as coleções museológicas Katxuyana incluem uma grande variedade de peças de cerâmica (Figura 5), elas poderão ser, potencial-

mente, incluídas no projeto de educação patrimonial – o que poderá acontecer também com outros tipos de objetos, como peneiras, bancos, tangas feitas de miçangas, para citar apenas alguns. A cerâmica Katxuyana não despertou particular atenção por parte dos museus, o que pode ser explicado, segundo Adriana Russi (em comunicação pessoal), pelo fato de que tais artefatos não são tão espetaculares quando comparados às peças cerâmicas de outros grupos. Mas, no momento em que estas peças estabelecerem novas relações com os Katxuyana de hoje, deverão assumir outros valores, distintos daqueles que possuem no interior dos museus. Este exemplo ilustra como o valor de uma coleção é criado por meio das relações entre seus componentes materiais e humanos. A relação entre os atuais Katxuyana e os objetos é muito distinta daquela entre esses mesmos objetos e os curadores dos museus, e esta diferença nas relações afeta as diferenças nos valores.



**Figura 5** Pot (British Museum).

#### *Recapturar conhecimentos, habilidades e memórias perdidos*

Desde 1968, ano em que os Katxuyana migraram e se adaptaram a novos modos de vida, vários dos objetos guardados nas coleções museológicas não foram mais fabricados, e nem mesmo existem exemplares deles nas comunidades atuais. Isso implica em que a única maneira de os Katxuyana obterem informações sobre tais objetos encontra-se nas coleções dos museus. Esses objetos históricos podem vir a ser empregados no projeto de educação patrimonial; mas eles devem constituir, igualmente, um modo de estimular as memórias dos mais velhos sobre os tempos anteriores à migração. Partilhando suas memórias sobre o passado, os idosos Katxuyana poderão criar diálogos intergeracionais e, assim, elaborar este mesmo passado. Tais diálogos poderão ser iniciados a partir de certos objetos – com histórias a respeito deles, e informações sobre como eram fabricados e utilizados – e se desenvolver em elaborações sobre a comunidade e a cultura Katxuyana anteriores à migração. Tais conversações terão o potencial de recriar a curiosidade entre os jovens em sua busca por investigar o passado e trabalhar ativamente com ele.

### *Assegurar o futuro*

Os dois parágrafos anteriores focalizaram como os velhos, adultos e lideranças Katxuyana poderão utilizar as coleções num movimento entre o passado e o presente. Mas as coleções também possuem valor no processo de revitalização cultural e na garantia de um futuro para os Katxuyana. Os diálogos gerados pelos objetos colecionados estimulam não apenas conversas sobre o passado e elaborações a seu respeito, mas também elicitam considerações, preocupações e esperanças para o futuro dos Katxuyana. Isso fala do potencial que o patrimônio tem não apenas de englobar o passado – ou seja, de onde as pessoas provêm –, mas, igualmente, de desempenhar papel fundamental na definição das trajetórias que as pessoas seguirão no futuro (Smith 2006: 48). Transmitindo o conhecimento sobre os artefatos e sua manufatura, por exemplo, os velhos não só ensinam às novas gerações sobre o passado; eles ativamente se engajam na criação do futuro da comunidade. Quando pessoas fabricam objetos, estão ao mesmo tempo produzindo-se como seres social e fisicamente hábeis (Gosden & Knowles 2001: 18). Isto é, quando os jovens Katxuyana fabricam objetos inspirados pelos artefatos dos museus, ou após pesquisá-los, eles estão se fazendo Katxuyana e alterando os significados do que é ser Katxuyana nos dias de hoje. Vistos em contexto, os objetos dos museus não remetem apenas e tão somente ao passado, mas se convertem em pontes para o futuro (Peers & Brown 2003: 5). Adultos e jovens Katxuyana não estão interessados em viver como seus antepassados, e as coleções históricas nos museus têm potencial para tomar parte na criação do futuro da comunidade.

### *Pontos*

A presente remontagem das coleções Katxuyana é uma criação de novas relações e, assim, de novos valores entre seus componentes materiais e humanos. Ao invés de serem preservados ou mantidos parados no tempo, os objetos históricos dos museus reaparecem em novas montagens contemporâneas. Embora eu tenha privilegiado a reavaliação e o uso das coleções para os atuais membros da comunidade Katxuyana, as entrevistas que realizei com curadores dos quatro museus que visitei mostraram que essas instituições também compreendem as coleções Katxuyana atualmente de modos distintos de seus predecessores. Parece haver, atualmente, muito mais do que no passado, uma mutualidade entre valores, de modo que quando os Katxuyana atribuem valor às coleções, tal feito leva a um aumento no valor que os próprios museus conferem às suas coleções.

As coleções Katxuyana são, deste modo, reativadas por meio da criação de novas relações tanto para os indígenas atuais quanto para os museus. Embora as coleções Katxuyana quase não tenham sido pesquisadas ou exibidas pelos museus, isso não significa que não possam reemergir através da ativação e da remontagem. A remontagem atual é interessante porque se coloca em distintas temporalidades: conecta-se ao passado através da materialidade dos objetos e das memórias por eles elicitadas; conecta-se ao presente, pois os objetos podem ser ativamente empregados pela comunidade hoje, nas escolas ou em contextos mais amplos; e conecta-se, por fim, ao futuro. Assim, as coleções não tratam apenas do passado, mas possuem a capacidade de se movimentar entre diferentes tempos, sendo úteis para que os Katxuyana possam imaginar e, então, criar seu próprio futuro.

## Considerações finais

Coleções museológicas não são estáticas, embora os objetos tenham sido coletados no passado e, subsequentemente, preservados em museus. Neste artigo exemplifiquei esta dinâmica com as coleções Katxuyana. Entendidas como montagens, coleções mudam com o passar do tempo, formando novas relações e montagens, e assumindo novos valores. Nestas diferentes montagens, a relação entre componentes materiais e humanos são distintas e as coleções, nesse sentido, podem ser compreendidas como entidades dinâmicas. De modo similar ao que diz a citação reproduzida no início deste texto, os exemplos aqui apresentados buscaram ilustrar como as coleções Katxuyana são também exemplos da história acumulada e das contínuas alterações nos seus valores e significados. Os objetos, assim, não estão fixos, mas em permanente devir, como mostra o exemplo da cerâmica, que pode ser compreendida sob novas formas na relação com um projeto de educação patrimonial.

O passado e o presente são exemplos de distintas montagens das coleções com seus próprios contextos e valores. No final dos anos de 1950 os artefatos foram coletados e agrupados em coleções museológicas em um processo versátil de contato e de negociações de valores, que resultaram na transformação das coisas em objetos patrimoniais no contexto europeu. Onde os valores, no momento da formação das coleções, estavam nas capacidades dos objetos para informar sobre o passado, as montagens atuais usam o passado em elaborações do presente e na imaginação do futuro. Nos dias de hoje, a reconexão entre os Katxuyana e os objetos antigamente coletados compõe uma montagem diferente, na qual a avaliação do significado dos objetos está baseada na presente situação em que os Katxuyana se encontram. As coleções Katxuyana foram formadas para serem expressões fixas de povos e culturas pertencentes ao passado, mas têm se provado componentes vitais na revigoração da cultura e das relações entre os Katxuyana e os museus no passado, no presente e no futuro.

Não abordei diretamente o futuro neste artigo, mas ele se relaciona ao passado e ao presente, e merece, por conseguinte, alguns comentários. Baseado no que foi descoberto acerca do passado e dos novos valores e sentidos que emergem no presente, resta discutir o que acontecerá futuramente com as coleções e com a colaboração entre os museus e os Katxuyana. Em primeiro lugar, ambas as partes têm se alegrado por aprender mais sobre as coleções e sobre o significado que têm os objetos hoje. Os museus receberam cópias do diário e das fotografias de Sørderberg, além de meu próprio trabalho, que se tornaram, agora, parte dos arquivos vinculados às coleções. Tal novidade é útil tanto para documentar a presente reaproximação aos objetos, quanto como fontes para futuras pesquisas e outras iniciativas de colaboração. Espero que no futuro o diário de Christen Sørderberg possa ser traduzido para o português, tornando-se, assim, disponível também para os leitores Katxuyana.

Concretamente, ainda não se pensou para onde ir daqui em diante. Tais projetos demandam longos prazos, assim como dependem de financiamentos externos, devendo, assim, lidar com outras obrigações e projetos desenvolvidos pelos museus. Entretanto, funcionários dos museus por mim entrevistados indicaram a possibilidade de digitalização e de exibição das coleções. A digitalização, ou repatriação virtual, foi mencionada como

um modo de adensar o conhecimento acerca das coleções e de trabalhar com os objetos como patrimônio cultural no contexto contemporâneo. Líderes Katxuyana não fizeram, até o momento, nenhum pedido pela repatriação física dos objetos, mas há considerável interesse em saber mais sobre as coleções. Aqui, um projeto colaborativo de digitalização poderia funcionar como plataforma para partilha de conhecimento e para fazer as coleções acessíveis aos membros da comunidade Katxuyana. Um projeto como este poderia também incluir uma colaboração entre os quatro museus, uma vez que os Katxuyana podem estar interessados em todos os objetos, a despeito de estarem dispersos em diferentes instituições. A possibilidade de promover exposições co-criadas também foi mencionada, embora não tenha emergido nenhum tema ou ângulo de abordagem específico para tais exposições. Se o futuro reserva projetos de digitalização e/ou de exibição, estes irão certamente permitir novas montagens e novos valores para as coleções Katxuyana.

Por meio dos exemplos de montagens destas coleções Katxuyana largamente desconhecidas e pouco utilizadas, este artigo ilustra como coleções etnográficas de museus podem servir como complexas áreas de pesquisa e como importante fator nos estudos sobre patrimônio. Contrariando o que foi melancolicamente previsto por Søderberg depois de sua expedição na companhia de Polykrates, as coleções Katxuyana não se tornaram expressões de um povo desaparecido. Ao invés disso, as coleções e seus objetos, valores e relações, que ultrapassam as paredes dos museus, estão muito vivos em função do renovado contato entre eles, os Katxuyana e as próprias instituições. A força das coleções Katxuyana reside no potencial para a multiplicidade de valores e nos permanentes processos de remontagem em que elas podem ser engajadas. Estas coleções referem-se apenas em parte ao passado, sendo igualmente relevantes para o presente e para o futuro, através das relações condensadas e constantemente desenvolvidas no encontro entre os objetos, os museus e os Katxuyana.

## Referências

- Byrne, Sarah, Anne Clarke, Rodney Harrison and Robin Torrence. 2011. "Networks, Agents and Objects: Frameworks for Unpacking Museum Collections". In: *Unpacking the Collection* (eds. Sarah Byrne, Anne Clarke, Rodney Harrison & Robin Torrence). Springer Science+Business Media: New York, pp. 3-26.
- Carman, John. 2010. "Promotion to heritage: How museum objects are made". In: *Encouraging collections mobility – A way forward for museums in Europe* (eds. Susanna Pettersson, Monika Hagedorn-Saupe, Teijmari Jyrkkiö & Astrid Weij). Finnish National Gallery, Erfgoed Nederland & Institut für Museumsforschung, Staatliche Museen zu Berlin, pp. 74-85.
- Fairclough, Graham. 2008. "New Heritage, an Introductory Essay – People, Landscape and Change". In: *The Heritage Reader* (eds. Graham Fairclough, Rodney Harrison, John H. Jameson Jr & John Schofield). Routledge: London & New York, pp. 297-312.

- Foster, Robert J. 2012. "Notes for a Networked Biography: The P. G. T. Black Collection of Oceanic Things". *Museum Anthropology*, vol. 35, issue 2, pp. 149-169.
- Gabriel, Mille. 2015. "Fortiden, fremtiden og det etnografiske museum. Samtidsindsamling, videndeling og medkuratering". In: *Etnografi på museum. Visioner og udfordringer for etnografiske museer i Norden* (eds. Ulf Johansson Dahre & Thomas Fibiger). Aarhus Universitetsforlag: Aarhus, pp. 25-53.
- Girardi, Luisa Gonçalves. 2011. *Gente do 'Kaxuru': mistura e transformação entre um povo indígena karib-guianese*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gosden, Chris & Chantal Knowles. 2001. *Collecting Colonialism. Material Culture and Colonial Change*. Berg: Oxford & New York, chapter 1: "People, Objects and Colonial Relations", pp. 1-26.
- Grupioni, Denise. 2010. *Katxuyana. Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/en/povo/katxuyana/print> (acesso em 17/01/2017).
- Grupioni, Denise Fajardo. 2009. *Arte visual dos povos Tiriyo e Kaxuyana: padrões de uma estética ameríndia*. São Paulo: Iepe.
- Harrison, Rodney. 2013. "Reassembling Ethnographic Museum Collections". In: *Reassembling the Collection. Ethnographic Museums and Indigenous Agency* (eds. Rodney Harrison, Sarah Byrne & Anne Clarke). SAR Press: Santa Fe, pp. 3-35.
- Harrison, Rodney, Graham Fairclough, John H. Jameson & John Schofield (2008): "Heritage, Memory and Modernity". In: *The Heritage Reader* (eds. Graham Fairclough, Rodney Harrison, John H. Jameson Jr & John Schofield). Routledge: London & New York, pp. 1-12.
- Krmpotich, Cara & Laura Peers, with the Haida Repatriation Committee and staff of the Pitt Rivers Museum and British Museum. 2013. *Haida material heritage and changing museum practice: this is our life*. UBS Press: Vancouver & Toronto, chapter 1: "The Paths Bringing Us Together", pp. 1-46.
- Macdonald, Sharon. 2009. "Reassembling Nuremberg, reassembling heritage". *Journal of Cultural Economy*, volume 2, no. 1-2, pp. 117-134.
- Mason, Randall. 2008. "Assessing Values in Conservation Planning. Methodological issues and choices". In: *The Heritage Reader* (eds. Graham Fairclough, Rodney Harrison, John H. Jameson Jr & John Schofield). Routledge: London & New York, pp. 99-124.
- Peers, Laura & Alison K. Brown. 2003. "Introduction". In: *Museums and Source Communities. A Routledge Reader* (eds. Laura Peers & Alison K. Brown). Routledge: London & New York, pp. 1-16.
- Pétursdóttir, Thóra. 2013. "Concrete matters: Ruins of modernity and the things called heritage". *Journal of Social Archaeology*, volume 13, no. 1, pp. 31-53.
- Rocha, Gilmar, Johnny Alvares & Adriana Russi. 2013. *Educação Patrimonial em Oriximiná – aspectos de um programa de extensão universitária Amazônia brasileira*. Unpublished Portuguese translation of presentation at Séminaire de discussions franco-brésiliennes

sur Amazonie, at Sorbonne University, Paris.

- Russi, Adriana. 2014. *Tamiriki, pata yotono kwama: A reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do Rio Cachorro (Oriximiná-PA)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Satterthwait, Leonn. 2008. "Collections as Artefacts. The Making and Thinking of Anthropological Museum Collections". In: *The Makers and Making of Indigenous Australian Museum Collections* (eds. Nicholas Peterson, Lindy Allen & Louise Hamby). Melbourne University Press: Carlton, pp. 29-60.
- Silva, Fabíola A. & Cesar Gordon. 2013. "Anthropology in the Museum. Reflections on the curatorship of the Xikrin Collection". *Vibrant*, 2013, volume 10, no. 1, pp. 425-468.
- Smith, Laurajane. 2006. *Uses of heritage*. Routledge: London & New York, chapter 2: "Heritage as a cultural process", pp. 44-84.
- Wingfield, Chris. 2013. "Reassembling the London Missionary Society Collection". In: *Reassembling the Collection. Ethnographic Museums and Indigenous Agency* (eds. Rodney Harrison, Sarah Byrne & Anne Clarke). SAR Press: Santa Fe, pp. 61-87.

Recebido em 9 maio 2017.

Aceito em 11 jun. 2017.

Tradução  
Felipe Vander Velden

Revisão da tradução  
Marcos Lanna, Clarissa Martins Lima & Sara Munhoz